

O BREXIT COMO UM NEORIMLAND: POLÍTICAS DE CONTENÇÃO AOS FLUXOS MIGRATÓRIOS NO VELHO CONTINENTE NO INÍCIO DO SÉCULO XXI

Vinícius Nascimento¹

Resumo: O objetivo geral deste artigo foi o de estabelecer uma conexão entre o processo de separação do Reino Unido do bloco regional europeu pelo referendo de 2016 via análise das três vertentes do território de Haesbaert e o conceito de *Rimland* de Spykman aplicado ao imigrante como um dos principais motivos que culminaram no *Brexit*. Assim sendo, foi inserido o prefixo *neo* originando o termo *Neorimland* como sendo uma estratégia política institucional do Estado-nacional contemporâneo para a contenção dos fluxos migratórios, intensificados no continente europeu na última década.

Palavras-chave: *Brexit*, *Neorimland*, Imigrante.

THE BREXIT AS A NEORIMLAND: POLICY TO CONTAIN MIGRATORY FLOWS IN THE OLD CONTINENT AT THE BEGINNING OF THE 21ST CENTURY

Abstract: The general objective of this article was to establish a connection between the process of separating the United Kingdom from the European regional bloc by the 2016 referendum via analysis of the three strands of Haesbaert's territory and Spykman's Rimland concept applied to the immigrant as one of the main reasons that culminated in *Brexit*. Therefore, the prefix *neo* was inserted, originating the term *Neorimland* as an institutional political strategy of the contemporary nation-state for the containment of migratory flows, intensified on the European continent in the last decade.

Keywords: *Brexit*, *Neorimland*, Immigrant.

INTRODUÇÃO

A saída do Reino Unido da União Europeia, iniciada com um referendo em 2016 e consolidada com um acordo de separação em 2020, deu legalidade para um processo que, aparentemente, parece ir na direção contrária da integração econômica vigente no sistema capitalista globalizado. Desse modo, o *Brexit* abriu um precedente geopolítico no âmbito jurídico-político do território pela retomada da soberania do Estado-nacional dentro dos limites jurisdicionais de suas fronteiras.

O precedente do *Brexit* reside justamente no movimento de saída de um Estado-nacional central (o Reino Unido) dentro da configuração de blocos do

¹ Mestrando em Geografia pela UFSCar Sorocaba (SP). Email: dexter_vrn@hotmail.com

sistema-mundo. A tendência até então da União Europeia, desde a queda do muro de Berlim (1989) e da dissolução da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (1991), era o de alargamento do bloco regional por meio da adesão de novos Estados-membros, especialmente do leste europeu (LUO, 2020). Contudo, os britânicos optaram pela saída ao invés da permanência, apoiados, em boa parte, pelo sentimento eurocético e anti-imigratório - tanto dos fluxos externos quanto dos fluxos internos do velho continente (MARTILL; STAIGER, 2018).

O *Neorimland* surge como uma interpretação adaptada, uma releitura do conceito de Nicholas John Spykman, segundo o qual a geopolítica é o planejamento da política de segurança de um país em termos de seus fatores geográficos. Em uma tradução inicial livre do termo tem-se o aro da terra (SPYKMAN, 1944). A ideia da teoria de Spykman, ao refletir acerca das grandes disputas globais de sua época, gira em torno de uma borda regional da Eurásia que seria a chave dos conflitos geopolíticos mais importantes. Assim sendo, o *Neorimland* britânico caracteriza-se pelo teor migratório e utiliza-se das bordas da União Europeia como área-tampão para impedir que novos contingentes de imigrantes cheguem ao solo do Reino Unido.

O intuito deste artigo foi refletir, de modo integrado, qual foi o impacto da imigração na tomada de decisão do eleitor britânico que definiu pela campanha do *Leave*, ou seja, pró-*Brexit*. Especialmente em um contexto de ascensão de partidos populistas de direita e de intensificação dos fluxos migratórios em direção ao velho continente, principalmente oriundos da África e do Oriente Médio (COSTA, 2017).

A queda de fronteiras idealizada pelo capital para o fluxo de mercadorias sofreu um ato reverso por meio da ruptura (ainda que *soft*) entre Westminster e Bruxelas. O crescimento do nacionalismo parece representar movimentos (em escala global) de resistência e protecionismo à globalização e aos órgãos supranacionais. Busca-se a análise entre *Brexit* e os fluxos migratórios dentro da dimensão culturalista do território, conforme o entendimento baseado no quadro a seguir:

Quadro 1. As abordagens conceituais de território em três vertentes básicas

dimensão privilegiada	concepções correlatas	concepção de território	principais atores/agentes da territorialização	principais vetores da territorialização	perspectiva da Geografia	exemplos de trabalhos que se aproximam desta vertente
jurídico-política (majoritária, inclusive no âmbito da Geografia)	<ul style="list-style-type: none"> Estado-nação fronteiras políticas e limites político-administrativos 	um espaço delimitado e controlado sobre/por meio do qual se exerce um determinado poder, especialmente o de caráter estatal	<ul style="list-style-type: none"> Estado-nação diversas organizações políticas 	relações de dominação política e regulação	Geografia Política (Geopolítica)	a abordagem de Allié (1980) a visão clássica de Ratzel
cultural(ista)	<ul style="list-style-type: none"> lugar e cotidiano identidade e alteridade social cultura e imaginário (imaginário: "conjunto de representações, crenças, desejos, sentimentos, em termos dos quais um indivíduo ou grupo de indivíduos vê a realidade e a si mesmo") 	produto fundamentalmente da apropriação do espaço feita através do imaginário e/ou da identidade social	<ul style="list-style-type: none"> indivíduos grupos étnico-culturais 	relações de identificação cultural	Geografia Humanística e/ou Geografia Cultural	Deleuze e Guattari (1972) Tuan (1980 e 1983)
econômica (muitas vezes economicista) minoritária	<ul style="list-style-type: none"> divisão territorial do trabalho classes sociais e relações de produção 	(des)territorialização é vista como produto e do embate entre classes sociais e da relação capital-trabalho	<ul style="list-style-type: none"> empresas (capitalistas) trabalhadores Estados enquanto unidades econômicas 	relações sociais de produção	Geografia Econômica	Storper (1994) Benko (1996) Veltz (1996)

Fonte: HAESBAERT, Rogério; LIMONAD, Ester. **O território em tempos de globalização**. Geo UERJ Revida do Departamento de Geografia, UERJ, RJ, n. 5, p. 7-19, 1º semestre de 1999.

O *Brexit* é um processo multidimensional, possuindo diferentes motivações em diferentes âmbitos. Trata-se, portanto, de um tema geopolítico polimórfico,

possuindo ramificações em diferentes categorias de análise como território, lugar, escala e redes (BRENNER, 2018). Partindo da análise territorial, com base no conceito de território de Haesbaert (2003), entende-se a saída do Reino Unido da União Europeia como um movimento que se deu em três dimensões: jurídico-político (retomada da soberania britânica), culturalista (retomada de identidade coletiva britânica) e economicista (preservação do mercado de trabalho interno).

A análise sobre o objeto de estudo situa-se entre o lugar e o cotidiano, a identidade coletiva nacional e a alteridade social. Mistura-se na fluidez entre a cultura e o imaginário. Parafraseando Santos (2008), um estudo sobre a imigração aborda a fábula dos sonhos e a perversidade da realidade dentro do processo de globalização. Tem-se como principais agentes/atores da territorialização os indivíduos e os grupos étnico-culturais por meio das relações de identificação cultural sob a perspectiva da Geografia Cultural.

Neste artigo o foco estará na compreensão do *Brexit* como exemplo de caso de uma estratégia protecionista e nacionalista de contenção aos fluxos migratórios – o *Neorimland*. Tal análise abrange a dimensão culturalista do território por entender a aversão ao estrangeiro como um elemento estrutural que foi agravado diante do contexto de intensificação dos fluxos migratórios ao continente europeu a partir da segunda década do século XXI.

O NEORIMLAND E A DIMENSÃO CULTURALISTA DO BREXIT

Os fluxos migratórios não são uma exclusividade da contemporaneidade. É possível regressar até os primórdios da humanidade para verificar o deslocamento de pessoas ou grupos de pessoas para a sobrevivência e busca por melhor qualidade de vida, seja por questões inerentes a obtenção de recursos como alimentos, seja por questões climáticas. Inicialmente é necessário apontar e definir resumidamente os termos relacionados à migração; para tanto, foi elaborado o quadro abaixo com o propósito de facilitar a compreensão sobre os termos abordados e relacionados aos fluxos migratórios (Tabela 2)

No caso específico do *Rimland* migratório aplicado ao *Brexit* (*Neorimland*), o conceito em destaque é o de migrante internacional; ou seja, aquele indivíduo que parte do seu local de origem e atravessa a fronteira internacional de um outro Estado-nacional (imigração e emigração). Isso não exclui a utilização de outros termos correlatos que podem ser interpretados no contexto proposto do *Neorimland*. Para tanto, seria necessário estudar a origem desses deslocamentos e compreender as principais motivações que levaram as pessoas a traçarem tal movimentação, o que foge do escopo deste projeto, especialmente diante da sua diversidade e amplitude.

Contudo, não seria exagero apontar os conceitos de “refugiado” (CULPI, 2019), “migrante de crise” (BAENINGER; PERES, 2017) e “migrante de perspectiva” (UEBEL, 2018) como elementos relacionados que compõem a dinâmica migratória para a Europa e que foram causas, mesmo que implicitamente, para o processo do *Brexit*. Como exemplo é possível citar os refugiados da Síria e do Afeganistão, a migração de crise oriunda da África Subsaariana ou mesmo a migração de perspectiva dos países do leste europeu (COSTA, 2017).

Quadro 2. Termos relacionados aos fluxos migratórios.

CONCEITO	DEFINIÇÃO
Imigrante	Pessoa que ingressa no território de outro Estado-nacional.
Emigrante	Cidadão que sai do seu Estado de origem e ingressa no território de outra nação.
Migrante internacional	Aquele que atravessa a fronteira internacional ou de um Estado (imigrantes e emigrantes).
Migrante interno	Indivíduo que se desloca dentro das fronteiras de seu Estado-nação.
Migrante forçado	Indivíduo que, por razões múltiplas, é obrigado a sair de seu país.
Migrante espontâneo	Indivíduo que decide migrar voluntariamente.
Migrante econômico	Migrante espontâneo, que migra para melhorar sua qualidade de vida.
Migrante documentado	Indivíduo que migra nos termos da lei.
Migrante de perspectiva	Indivíduo que se desloca motivado (majoritariamente) pela atratividade do país.
Migrante de crise	Indivíduo que se desloca devido a dificuldades socioeconômicas.
Migrante humanitário	Indivíduo que se desloca por ter seus direitos desrespeitados.
Deslocado ambiental	Indivíduo que se desloca por questões ambientais, como terremotos ou mudanças climáticas.
Apátrida	Indivíduo que não tem nacionalidade, ficando desprotegido juridicamente.
Refugiado	Indivíduo que migra escapando de conflito ou de perseguição religiosa.

Fonte: autor com base em CULPI (2019).

O embasamento para a relevância do tema parte de pesquisas realizadas com os eleitores britânicos no dia do referendo de 2016 que indicaram a imigração como a principal motivação que levou um terço dos eleitores favoráveis ao *Brexit* a votarem pela saída do Reino Unido do bloco regional europeu ao qual pertencia desde 1973 (BIARDEAUD, 2017). A questão do *Brexit* não foi um caso isolado no continente europeu. Ao analisar as eleições da UE de 2014, Luo afirma que:

O resultado da eleição revela que os populistas anti-UE e anti-imigração dos partidos de direita (PRPs) se saíram consideravelmente bem em vários membros da UE, especialmente na França e no Reino Unido, onde os PRPs se tornaram os maiores partidos. Juntos, eles se tornaram a terceira maior força política da UE. The Economist comenta tal resultado eleitoral como “A União Eurocética”, e a ascensão de tais partidos apresenta uma “questão anti-europeia” para a UE responder. (LUO, 2020, p. 72).²

² Tradução livre.

Na atualidade, os fluxos migratórios assumem aspectos de pressão política e influência externa à subjetividade do sujeito, limitando a autonomia do indivíduo. A construção da identidade do sujeito e da coletividade nacional não possui livre-arbítrio. Mezzadra nos ajuda a refletir sobre isso de forma introdutória:

Ao assumir o ponto de vista dessas tensões e desses conflitos se torna possível enxergar os movimentos dos migrantes e as experiências migratórias enquanto espaços estratégicos para a produção de subjetividade. Recuperando e reelaborando uma série de conceitos foucaultianos, podemos dizer que isso implica uma atenção especial para a forma em que os dispositivos de sujeição e os processos de subjetivação (coação e liberdade) entram em jogo na constituição do campo da experiência da migração. (MEZZADRA, 2015, p. 13).

Tal temática está interligada diretamente com a narrativa dos apoiadores do *Brexit*, portanto é importante uma reflexão mais aprofundada sobre o assunto para expansão do entendimento sobre as motivações que levaram os britânicos insulares a pedirem o divórcio dos europeus continentais. Segundo Luo: “na verdade, foi no norte e no leste da Inglaterra onde a espinha dorsal econômica - indústrias tradicionais - foi mais atingida pela globalização e desindustrialização, e o apoio ao *Brexit* foi o mais alto” (LUO, 2020, p. 125).

Uma política de segurança por meio da filtragem dos estrangeiros emergiu da ilha da Grã-Bretanha. Um *Rimland* de contenção migratória que se expande por alguns países da Europa; portanto, um *Neorimland* não é uma exclusividade britânica, mas no solo do Reino Unido esse processo ganhou contornos formais por meio da institucionalização e consolidação do *Brexit*. De acordo com Oliveira:

Porém, as origens do problema continuam a existir, ao mesmo tempo que as divisões entre as nações europeias aumentam, uma vez que se sentem ameaçadas pelas crescentes tensões políticas internas e pelo impacto dos fluxos migratórios na segurança e coesão sociocultural, num mundo em que, de acordo com Huntington (1996, p. 149) “a identificação cultural ganha cada vez mais importância em comparação com outras dimensões de identidade”. (OLIVEIRA, 2017, p. 3).

Na atual conjuntura existe uma nova estratégia de seleção de indivíduos implícita e de cunho migratório - em alusão à teoria geopolítica de Spykman (Estratégia de Contenção). O contexto sociopolítico do início do século XXI na Europa possui elementos e características diferentes do período dos anos 40, quando o mesmo idealizou a sua teoria do *Rimland* (SPYKMAN, 1942) como uma espécie de contraposição/complemento à teoria do *Heartland* de Mackinder referente às regiões geoestratégicas das disputas na Eurásia entre as potências da época, sendo o *Heartland* composto de forma majoritária pela União Soviética e o *Rimland* caracterizado pela Europa Ocidental, Oriente Médio e Sudeste Asiático, conforme representação abaixo:

Figura 1. *Heartland* e *Rimland* – o mapa geoestratégico de Halford Mackinder



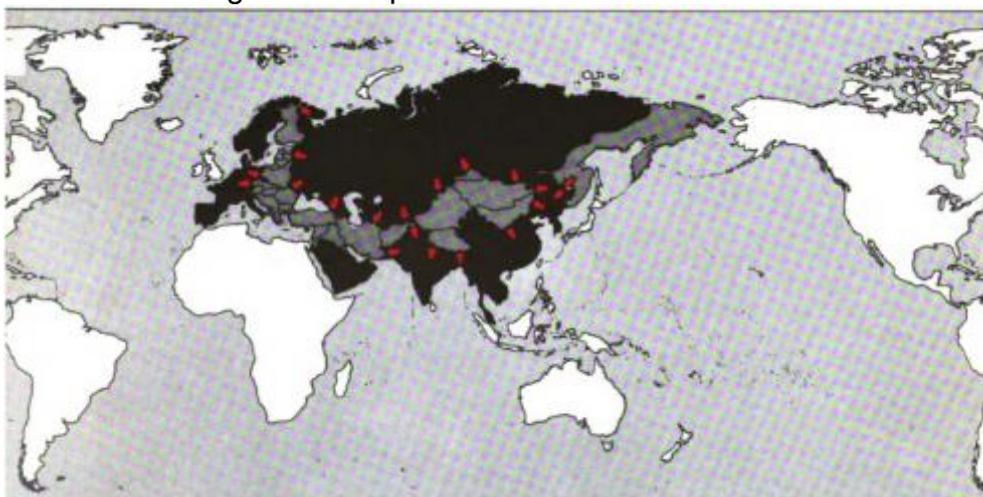
Fonte: PETRÓLEO HOJE. **O Rimland e o “perigo verde”**. Disponível em: <<https://petroleohoje.editorabrasilenergia.com.br/o-rimland-e-o-perigo-verde/>>. Acesso em: 06 jan. 2022.

Segundo Spykman:

A região limítrofe (*rimland*) da massa de terra eurásiana deve ser vista como uma região intermediária situada entre o coração (*heartland*) e os mares marginais. Funciona como uma vasta zona tampão de conflito entre o poder marítimo e o poder terrestre. Olhando em ambas as direções, ele deve funcionar como um anfíbio e se defender na terra e no mar. No passado, ele teve que lutar contra o poder terrestre do coração (*heartland*) e contra o poder marítimo das ilhas da Grã-Bretanha e do Japão. Sua natureza anfíbia está na base de seus problemas de segurança. (SPYKMAN, 1942, p. 41).³

A relação entre *Rimland* e *Heartland* é conflituosa, conforme é possível visualizar na figura abaixo:

Figura 2. Mapa *Heartland* versus *Rimland*



Fonte: SPYKMAN, Nicholas John. **The Geography of the Peace**. New York: Harcourt, Brace and Company, 1944.

³ Tradução livre. Adição dos parênteses pelo autor.

Transportado para o nosso estudo de caso, pode-se assimilar as ilhas da Grã-Bretanha e das Irlandas como sendo o *Neorimland* e a Europa continental como sendo o *Neoheartland* de disputa geoestratégica, naturalmente aplicada ao contexto do *Brexit* e dos fluxos migratórios dentro da dimensão culturalista e também jurídico-política do território.

É possível utilizar o prefixo *neo*, tornando-se assim uma Teoria do *Neorimland* aplicada ao *Brexit*, uma estratégia de filtragem estrangeira dos britânicos, um novo aro de controle do território e das fronteiras aos fluxos migratórios, institucionalizando assim uma política pública dentro das dimensões culturalista e jurídico-política do território. A proposta aqui baseia-se na seguinte fórmula: *Neorimland* = *Rimland* (aro territorial político de contenção) + *Brexit* (saída do RU da UE) + fluxos migratórios ao continente europeu (intensificados na última década).

Desse modo, o entorno do Reino Unido serviria como um tampão ao deslocamento de indivíduos em direção às ilhas da Grã-Bretanha e das Irlandas, principalmente buscando evitar os fluxos migratórios oriundos do sul e do leste do velho continente. Do sul a contenção é dos imigrantes vindos da África e do Oriente Médio, conforme indicado por Costa (2017), já no leste a contenção se dá para os imigrantes do outro lado da “Cortina de Ferro”, em que os indivíduos partem predominantemente das antigas repúblicas da União Soviética (MARTILL; STAIGER, 2018).

A seguir tem-se uma representação cartográfica sobre esse nova interpretação no qual o aro em amarelo representa o *Neorimland* britânico, a União Europeia em verde simboliza a região-tampão e as setas vermelhas sinalizam os fluxos migratórios em direção ao velho continente:

Figura 3. *Neorimland* – o *Rimland* migratório do *Brexit*.



Fonte: elaborado pelo autor, 2021

A República da Irlanda está incluída no aro de contenção britânico por dividir o solo insular com a Irlanda do Norte, agindo de forma dual, pois pode ser considerada como uma área-tampão, mas também pode representar um risco (ainda que de baixo grau) caso o seu território seja utilizado eventualmente como um catalisador atrativo daqueles que conseguem adentrar o bloco europeu e se deslocar por seu território, mesmo com o fato da República da Irlanda não integrar o Espaço *Schengen*. Portanto, o *Neorimland* representa uma seleção geoestratégica, uma filtragem de indivíduos por meio de políticas públicas de contenção migratória. A geografia insular/anfíbia do Reino Unido favorece a assimilação do *Neorimland* com o tradicional *Rimland* de Mackinder e Spykman.

Tal processo de contenção utiliza-se dos territórios da região-tampão como barreira, sobretudo as fronteiras do leste e do sul da União Europeia como, por exemplo, Grécia, Itália, Polônia, Espanha e Hungria, além da Turquia que não integra o bloco regional europeu, mas que já manifestou interesse em ingressar na UE, valendo-se, inclusive, do seu “território-tampão” (COSTA, 2017).

Segundo Mezzadra: “a seleção e a filtragem dos fluxos, das mercadorias, do trabalho e das informações que ocorrem nas fronteiras são cruciais para todos esses atores” (2015, p. 20). Sobre a citada reflexão de seleção e filtragem migratória, Oliveira reforça:

No que diz respeito à Europa, um continente que nunca quis ser um destino migratório, variadas políticas foram elaboradas, levando a cabo diversos acordos bilaterais e multilaterais sobre migração e asilo, influenciadas pelo crescimento de opiniões públicas conservadoras e de populismos políticos. Essas políticas incluem controles de fronteiras com práticas de retenção, violação dos direitos humanos, desenvolvimento de instrumentos de dissuasão para imigrantes ilegais e políticas seletivas para mão-de-obra pouco qualificada. (OLIVEIRA, 2017, p. 17).

O outro é eleito culpado, aquele que vem de fora, o que não se enquadra ao grupo já existente. Assim sendo, o problema é terceirizado para os “bárbaros” que estão fora do limite da fronteira. O fato é que os fluxos internacionais contemporâneos referentes ao trânsito de pessoas vêm encontrando um aumento gradativo de obstáculos por parte dos Estados com base na soberania nacional. É uma estratégia de contenção contraditória à globalização e seu “livre” trânsito de mercadorias. As motivações podem ser entendidas com base no medo europeu referente à imigração:

Algumas pesquisas foram realizadas e demonstraram esse receio, como a de abril de 2016, em que 48% dos cidadãos entrevistados afirmaram que a imigração é o maior problema da UE, sendo seguida pela crise e pelo desemprego. A própria saída do Reino Unido da UE, o chamado *Brexit*, que ocorreu em junho de 2016, foi motivado essencialmente por uma preocupação com o crescimento de refugiados no país e o interesse de retornar o controle sobre as fronteiras e a política migratória do Estado. (TEDESCO, 2017, apud CULPI, 2019, p. 211).

A migração é peça fundamental no quebra-cabeça do *Brexit*. É preciso reuni-la com as peças da soberania britânica, crise econômica mundial, legalidade (jurídica), legitimidade (política) e subjetividade dos sujeitos, pois todas estão interligadas. A construção é feita bloco-a-bloco de um modo multidimensional. O

Neorimland é também uma construção diária, inserida na rotina do cidadão. Segundo Santos:

Hoje, a mobilidade se tornou praticamente uma regra. O movimento se sobrepõe ao repouso. A circulação é mais criadora que a produção. Os homens mudam de lugar, como turistas ou como imigrantes. Mas também os produtos, as mercadorias, as imagens, as ideias. Tudo voa. Daí a ideia de desterritorialização. Desterritorialização é, frequentemente, uma outra palavra para significar estranhamento, que é, também, desculturização. (SANTOS, 2006, p. 222).

A desterritorialização oriunda da globalização gera estranhamento e desculturização. O *Brexit* pode ser entendido como um movimento que visa justamente manter a própria identidade nacional, mesmo que isso possa significar uma sensação de isolamento.

O *Neorimland* não é uma exclusividade dos britânicos. Na União Europeia, de um modo geral, se deu com o acordo de contenção dos fluxos com a Turquia e também pela seleção de pessoas feita na Grécia e na Itália. Nem todos são bem-vindos. Martine reflete sobre “o mundo sem fronteiras” da globalização aplicando-o à migração:

Assim, o estímulo massivo à migração internacional, provocado pela globalização, não é acompanhado por um aumento correspondente de oportunidades porque os países que atraem migrantes bloqueiam sistematicamente sua entrada. O “Mundo Sem Fronteiras” é parte da definição da globalização, mas não se aplica ao movimento de pessoas. O capital humano é um fator de produção que, formalmente, não tem livre trânsito entre fronteiras nos dias de hoje; não existe um “mercado global de trabalho”. As fronteiras abrem-se para o fluxo de capitais e mercadorias, mas estão cada vez mais fechadas aos migrantes: essa é a grande inconsistência que define o atual momento histórico no que se refere às migrações internacionais. (MARTINE, 2005, p. 8).

A fragmentação global é sentida nas redes de migração. Assim, a reterritorialização é um processo interno que parte de dentro Reino Unido em resposta aos fatores externos. Tal processo não é o mesmo assimilado pela União Europeia, ou seja, a desterritorialização. Os fluxos de pessoas representam uma dinâmica territorial complexa, com diferentes percepções. Para Haesbaert:

A migração nas redes de migrantes do tipo diáspora está longe de representar, portanto, um processo de desterritorialização. Embora num primeiro momento possa ter uma forte conotação “desterritorialização”, logo o imigrante acaba envolvido de tal forma na teia de relações garantidas pelo grupo que, mesmo em locais muito distantes, acaba se sentindo “em casa”. A reinvenção “do lar” em uma diáspora globalmente estruturada é uma característica muito nítida da complexidade com que novas territorialidades vão se desenhando num mundo global-fragmentado. (HAESBAERT, 2003, p. 19).

A incerteza é companhia constante dos processos de mudança, tanto para quem fica quanto para quem sai. O medo é o companheiro daquele que adentra uma nova localidade e também para o nativo que ali está. Para Hardt e Negri: “o medo da violência, da pobreza e do desemprego é, no fim das contas, a força primária e imediata que cria e mantém essas novas segmentações. O que está por

trás das diversas políticas das novas segmentações é uma política de comunicação” (2001, p. 360). Segundo Santos:

Para os migrantes, a memória é inútil. Trazem consigo todo um cabedal de lembranças e experiências criado em função de outro meio, e que de pouco lhes serve para a luta cotidiana. Precisam criar uma terceira via de entendimento da cidade. Suas experiências vividas ficaram para trás e a nova residência obriga a novas experiências. Trata-se de um embate entre o tempo da ação e o tempo da memória. Obrigados a esquecer, seu discurso é menos contaminado pelo passado e pela rotina. Cabe-lhes o privilégio de não utilizar de maneira pragmática e passiva o prático-inerte (vindo de outros lugares) de que são portadores. (SANTOS, 2006, p. 223).

Pensando na questão do *Brexit* especificamente, os fluxos migratórios intensificados em 2015 são fundamentais para entender as motivações da ascensão dos eurocéticos dentro da própria União Europeia. (COSTA, 2017). O *Rimland* migratório é um processo que se desenvolve a longo prazo, contrariando até mesmo a integração objetivada pela globalização. Segundo o editorial do The Guardian:

O número de pedidos de asilo no Reino Unido (35.566 em 2019) é uma pequena fração do na França e na Alemanha; A Turquia abriga cerca de 4 milhões de refugiados. Porém, repetidamente, o governo do Reino Unido opta por uma postura hostil em vez de uma política racional baseada na cooperação internacional, no respeito pela lei e pelos direitos humanos. (THE GUARDIAN, 2020).

Ademais, a questão migratória enfrenta um grande desafio que age como uma barreira: a tomada de decisão sobre a imigração, de um modo geral, não é supranacional; ou seja, não está acima da soberania do Estado-nação. As múltiplas instituições internacionais que atuam na área não possuem independência, pois estão reféns dos interesses dos Estados mantenedores. Como exemplo é possível citar a OIT (Organização Internacional do Trabalho), OIM (Organização Internacional de Migração), OMC (Organização Mundial do Comércio). Nestas diversas instituições existem fóruns de discussões sobre os fluxos migratórios e seus impactos na sociedade, mas não há autonomia. A soberania nacional fala mais alto.

A CONTRADIÇÃO MIGRATÓRIA DO *BREXIT*

A contradição do imigrante na geopolítica do capital referente à necessidade do trabalhador estrangeiro simultaneamente ao fato de impor restrições para a entrada de imigrantes e refugiados torna-se perceptível nos atos da agenda política dos governos do Reino Unido e dos Estados Unidos, tendo-se em vista que sempre foram grandes defensores de uma política democrática e economia liberal, mas que recentemente ambos tomaram medidas de contenção em um esquema denominado aqui de *Neorimland* migratório contemporâneo. Sobre a crise de cidadania, Mezzadra afirma:

A atual crise econômica na Europa deve, portanto, ser analisada também como uma crise de cidadania. Isso não significa de forma alguma que uma saída para a crise pode ser encontrada em uma espécie de retorno ao Estado-nação e à sua cidadania “confinada”. (MEZZADRA, 2015, p. 25).

O *Brexit* possui uma contradição no campo do trabalho na medida que o Reino Unido utiliza a mão de obra estrangeira para compor a sua economia e assim, conseqüentemente, manter o Estado-nacional. Tal dualidade contraditória entre capital e trabalho, público e privado, fixos e fluxos, pode ser vista em Harvey:

As contradições entre capital e trabalho, concorrência e monopólio, propriedade privada e Estado, centralização e descentralização, fixidez e movimento, dinamismo e inércia, pobreza e riqueza, assim como entre diferentes escalas de atividade, ganham amplitude e forma material na paisagem geográfica. (HARVEY, 2016, p. 155).

Uma sociedade capitalista globalizada gera crises e instabilidades. Logo, é possível afirmar que o *Brexit* é mais um processo incluído na dinâmica contraditória do capital. De um modo redundante pode-se dizer que é a crise da crise. A desigualdade econômica entre as nações, reforçada pelo sistema em rede, levam ao deslocamento de indivíduos e grupos. Aliado ao fator financeiro, há de se adicionar à equação questões ambientais (climáticas) e sociais (guerras, fome, perseguições étnicas e religiosas). Ao refletir sobre a relação entre migração e globalização, Martine afirma:

Em suma, os padrões da migração internacional refletem tanto as desigualdades entre países como as mudanças econômicas e sociais que ocorrem em diferentes países. No atual momento histórico, exceto no caso dos conflitos armados e dos desastres naturais, a globalização é o principal fator que ativa os movimentos migratórios entre países e determina seus contornos. (MARTINE. 2005, p. 8).

Não seria exagero associar o *Brexit* como o estopim de uma política de seleção de indivíduos como tentativa de preservação e fortalecimento do Estado-nacional. O foco não está na contenção de mercadorias; portanto, a política de segurança refere-se ao fluxo de pessoas.

A contradição migratória britânica aplicada à integração mundial fica evidente no âmbito econômico. Para Luo, a questão do mercado de trabalho (dentro da dimensão economicista do território) ocupa lugar central na análise da crise europeia e da conseqüente ascensão dos partidos de direita e do movimento anti-imigração na Europa:

Este relato argumenta que a questão da imigração é a principal, senão a única, razão para o apoio dos eleitores aos PRPs, porque eles querem reduzir a competição dos imigrantes por recursos escassos, como mercado de trabalho, habitação, benefícios do estado de bem-estar ou mesmo o mercado de casamento. Seguindo esses argumentos, presume-se que o apoio dos PRPs será mais manifesto nas áreas onde há alta presença de imigrantes e entre eleitores do sexo masculino com menor escolaridade e não qualificados que enfrentam a concorrência de imigrantes acima de tudo. (LUO, 2020, p. 78).⁴

Desse modo, a crise na dimensão economicista do território fornece subsídios para a crise jurídico-política que, conseqüentemente, gera também uma crise na dimensão culturalista do território, influenciando diretamente a percepção negativa referente aos fluxos migratório. Assim o ciclo se reproduz e se fortalece. Com o *Brexit* não é diferente. A insatisfação com o *establishment* político leva à descrença

⁴ Tradução livre.

da democracia no Ocidente e ao crescimento de partidos conservadores de direita, como foi o caso do Reino Unido nos últimos anos.

Harvey traça um paralelo-comparativo da mão de obra estrangeira para a construção e manutenção do Estado-nacional, inclusive citando o Serviço Nacional de Saúde (NHS) do Reino Unido:

As migrações extensivas de mão de obra que ocorreram tanto no passado longínquo quanto no mais recente têm vinculado certas origens a ocupações específicas nos países de destino. O Serviço Nacional de Saúde do Reino Unido não funcionaria sem a imigração de diferentes grupos do antigo Império Britânico. Nos últimos anos, correntes de migrantes (em particular mulheres) da Europa oriental (Polônia, Lituânia, Estônia, etc.) têm sido indiscriminadamente recrutadas para trabalhar nas diferentes faces da chamada indústria “do ócio” em quase toda a Europa ocidental, inclusive na Grã-Bretanha (realizam todo tipo de trabalho, desde limpeza de hotéis até atendimento em bares e restaurantes). (HARVEY, 2016, p. 125).

A própria divisão interna do trabalho no Reino Unido depende da mão de obra (especializada ou não) para o desempenho de funções e contribuição de tributos que dão subsídios para a manutenção do Estado. As restrições aos fluxos migratórios somada ao processo de distanciamento britânico do continente europeu acarreta um isolamento. Sobre a relação entre o mercado de trabalho e os fluxos migratórios, Mezzadra observa:

A figura do “imigrante ilegal” assumiu centralidade em termos mundiais no contexto das turbulentas transformações do capitalismo iniciadas no começo dos anos setenta – e que conduziram, por exemplo, ao fim do sistema de “trabalhadores hóspedes” na Alemanha Ocidental e em outros países da Europa. Não é difícil compreender o nexo entre o aparecimento desta figura e os processos de flexibilização dos mercados de trabalho e das economias que têm acompanhado essas transformações. (MEZZADRA, 2015, p. 15).

Tais avanços e retrocessos migratórios são a base para o sentimento cultural de união e pertencimento que levam à criação da identidade coletiva. Por isso não é exagero afirmar que após a territorialização do Reino Unido - formado em 1707 como Reino Unido da Grã-Bretanha com a união entre Inglaterra, País de Gales e Escócia - por meio do sentimento de unidade, houve um processo de desterritorialização no século XX com a fragmentação da soberania do Estado para instituições internacionais e participação de órgãos supranacionais – no caso a adesão do Reino Unido à União Europeia. Assim sendo, o Brexit simboliza um retorno às origens britânicas, uma reterritorialização do espírito britânico de ser, autônomo, independente e soberano.

O Brexit, assim como a construção física de um muro na divisa entre EUA e México durante o governo de Donald Trump (2016-2020), são exemplos práticos que embasam o argumento do *Rimland* migratório. Essas ações de contenção e seleção migratória deixam marcas, conforme apontar Mezzadra: “De acordo com as estimativas do ACNUR, em 2011, após as Primaveras Árabes e a guerra na Líbia, mais de 1.800 migrantes morreram no Mediterrâneo” (2015, p. 17).

No exemplo anglo-saxã dos EUA, as consequências da crise econômica de 2008 corroboraram para a alternância de governo entre Obama (democrata) e Trump (republicano). Boa parte da culpa foi transferida para os imigrantes que

sofreram com a rigidez do governo dos EUA na figura de Trump, inclusive com a construção do muro na fronteira com o país vizinho.

Segundo reportagem do portal UOL (2019), os Estados Unidos possuíam mais de 100 mil crianças migrantes detidas em 2019, o que correspondia a 1/3 do número total de 330 mil crianças detidas por questões de migração em todo o globo. Vale destacar que tanto os Estados Unidos quanto o Brasil não ratificaram a Convenção da ONU para a Proteção dos Trabalhadores Migrantes e sua Família (CULPI, 2019).

Voltando a atenção para a imigração na Europa, Costa especifica a situação dos fluxos migratórios que utilizam o Mediterrâneo para a travessia até o velho continente:

A UE, que nunca havia sido confrontada com tamanho fluxo de migração externa, não tinha nenhuma ferramenta específica para lidar com a questão. Adicionalmente, logo ficou evidente que o conceito do Espaço *Schengen*, que permite a livre circulação de pessoas sem controle nas fronteiras, havia sido desafiado por essa nova situação. Desde 2015, a UE luta para lidar com a crise e já tomou diversas decisões: mais recursos para patrulhamento das fronteiras no Mediterrâneo; implementação de um programa para combater o tráfico de migrantes; novo sistema de cotas para realocar as pessoas que buscam asilo entre os Estados da União; e acordo com a Turquia para controle do fluxo migratório. Diversos Estados-membros, em algum momento, reintroduziram seus controles nas fronteiras do Espaço *Schengen*, e surgiram desacordos entre os que permitiam a entrada das pessoas que buscavam asilo e as acolhiam, e aqueles que tentavam impedir o acesso. (COSTA, 2017, p. 57).

As profundezas do Mediterrâneo tornaram-se um imenso cemitério aquático. O próprio Espaço *Schengen* passou a ser visto com desconfiança pelos eurocéticos e barreiras aos refugiados se levantaram como, por exemplo, na Hungria. A redistribuição de imigrantes realizada dentro da União Europeia não foi uma unanimidade no quesito aceitação dos Estados-membros. Segundo Culpi:

No ano de 2015, os Estados que mais acataram as solicitações a cada 100 solicitantes de refúgio foram a Dinamarca, com 48,7% de decisões positivas; o Reino Unido, com 46,2%; a Grécia, com 44,5%; a Holanda, com 37,9%; a Itália com 35,2%; a França com 34,3%; e a Alemanha com 31,1%. Esses são os países que têm uma posição mais aberta com relações aos migrantes. Por outro lado, os que menos concederam asilos foram a Hungria, com 0,3% de decisões positivas; a Finlândia, com 5,5%; a Polônia, com 5,7%; e a Espanha, com 7%. Estes últimos Estados são os mais resistentes quanto à concepção de refugiados, sendo contrários às cotas propostas pelo bloco europeu. (CULPI, 2019, p. 206).

De acordo com estimativas da ONU, em 2015 havia 144 milhões de migrantes no mundo, sendo 8% de refugiados. Em 2016, 10,3 milhões de pessoas se tornaram refugiadas e nem todas conseguem retornar ao seu país de origem. O recorde foi em 2017 com 22,5 milhões de refugiados no mundo, sendo que naquele ano a cada 113 pessoas, uma era refugiada (CULPI, 2019).

Os grandes polos de atração dos fluxos migratórios nas últimas décadas concentram-se em países considerados desenvolvidos. É possível afirmar que o continente que mais recebeu fluxos migratórios no início deste século foi a Europa com 72 milhões de imigrantes em seu território em 2013, seguido de perto do continente asiático com 71 milhões de imigrantes no mesmo ano (UN, 2019). Esse

cenário ganhou força a partir dos anos 2000, pois nos anos de 1990 era a Ásia que ocupava o primeiro lugar.

Segundo estimativas da ONU (CULPI, 2019) cerca de 300 milhões de pessoas eram migrantes em 2015. Oliveira traz outros dados que reforçam a reflexão desenvolvida até aqui:

No que respeita a dados quantitativos, em 2011, o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados registou um recorde de 42.5 milhões de deslocados forçados em todo o mundo, como resultado de perseguições, conflitos, violência generalizada ou violações de direitos humanos, resultado que tem vindo a aumentar a cada ano: 45.2 milhões em 2012; 51.2 milhões em 2013, 59.5 milhões em 2014, 65.3 milhões em 2015. Destes últimos, 33% eram refugiados, 62% eram deslocados internos e 5% eram requerentes de asilo. (OLIVEIRA, 2017, p. 14).

Com a instabilidade global, sobretudo socioeconômica, a tendência é que o cenário de deslocamento de pessoas, conforme citado acima, permaneça, especialmente tendo-se em vista a grave crise sanitária que assolou o mundo nos últimos anos (2020 e 2021), ocasionado pela pandemia do Covid-19.

Medidas como repatriação voluntária, reassentamento e integração local vêm sendo apresentadas como possíveis soluções para mitigar as crises dos refugiados na Europa. Entretanto, nota-se que as políticas restritivas ainda são preponderantes no continente europeu, apontado como um dos principais polos de atração.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os fluxos migratórios não são uma novidade na história da humanidade. Contudo, pode-se verificar que a segunda década do século XXI foi marcada pela intensificação dos deslocamentos de pessoas em diferentes continentes, tendo a Europa como principal destino.

Pode-se concluir que uma das principais motivações dos eleitores que votaram pelo *Brexit*, no referendo de 2016, foi o processo acentuado de imigração. Tal decisão dos cidadãos ratificaram o projeto de saída do Reino Unido da União Europeia originado no Parlamento Britânico conferindo-lhe legitimidade e, posteriormente, legalidade com as negociações com o Parlamento Europeu para tratar da separação por meio do acionamento do Artigo 50º do Tratado Europeu, que prevê a retirada de um Estado-membro do bloco regional.

Desse modo, é possível analisar o *Brexit* como um processo geopolítico caracterizado sob os trajes de um *Neorimland* contemporâneo de cunho migratório, institucionalizado como ferramenta de política pública pela monarquia parlamentarista. Trata-se de uma releitura do conceito de Spykman adaptada para a relação entre o processo do *Brexit* e a intensificação do fluxo de imigrantes com destino ao velho continente.

Em busca de abrigo e melhores condições de vida, os imigrantes dos anos 2010 são atraídos pelos centros europeus em um sistema-mundo de rota inversa do que a praticada durante a colonização e o imperialismo. Porém, nem todos são bem-vindos. Esses deslocamentos humanos se deram especialmente como consequências da crise econômica de 2008 e das instabilidades políticas regionais como, por exemplo, a Primavera Árabe. A crise sanitária do Sars-CoV-2 (Covid-19) agravou o frágil tecido social, já desgastado devido ao ciclo de crises produzido e

reproduzido pelo sistema capitalista globalizado. O Mediterrâneo apresenta-se como a principal rota de travessia desses deslocamentos para a Europa.

A imigração teve um papel de relevância na tomada de decisão dos eleitores britânicos que votaram a favor da saída do Reino Unido da União Europeia, sendo o segundo argumento mais utilizado por um terço daqueles que optaram pela campanha do *Leave* (atrás somente da retomada da soberania nacional). Portanto, não seria exagero classificar a última década como sendo um *Neorimland*: um *Rimland* migratório por meio de políticas de contenção aos fluxos migratórios respaldado pelo euroceticismo dos nacionalistas e também pela ascensão dos partidos populistas de direita, especialmente na Europa.

O *Brexit* foi um movimento material e simbólico de protecionismo em detrimento da globalização e da aversão ao estrangeiro dentro das dimensões culturalista do território. Desse modo, pode ser entendido como um processo institucional que oficializou o nacionalismo contrário à ascensão supranacional de órgãos internacionais que ocorria desde o fim da Segunda Guerra Mundial.

A integração global em prol do trânsito de mercadorias não é o mesmo para o fluxo de indivíduos, mesmo em condições alarmantes como as travessias vistas no Mediterrâneo. As fronteiras, que outrora pareciam afrouxar, emergem do solo como verdadeiros obstáculos que visam selecionar a entrada de pessoas dentro do seu território. Da aurora de novos tempos imersos à avanços tecnológicos surge a sombra de um velho passado de restrições, controles e impedimentos.

Um destaque positivo de exceção pode ser direcionado para a ACNUR (Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados), fundada em 1950 cujo objetivo inicial era ser um órgão temporário, mas que se manteve possuindo certo grau de autonomia e de relevância no cenário internacional, mesmo dependendo de doações para a sua manutenção (CULPI, 2019). Mesmo assim, as políticas migratórias adotadas pelos governos ficam sob a égide de cada país, pois não há uma governança global multilateral convergente sobre o assunto. Tem-se o *Neorimland* migratório do Reino Unido como uma forma de filtragem ao estrangeiro com o intuito de proteção nacional.

REFERÊNCIAS

BAENINGER, Rosana; PERES, Roberta. **Migração de Crise: a migração haitiana para o Brasil**. Revista Brasileira De Estudos De População, 34(1), 119–143, 2017. <https://doi.org/10.20947/S0102-3098a0017>.

BIARDEAUD, Juliette Ringeisen-. **Let's take back control: Brexit and the Debate on Sovereignty**. Revue Française de Civilisation Britannique [Online], XXII-2 | 2017, Online since 30 May 2017, connection on 31 May 2017. URL: <http://rfgb.revues.org/1319>.

BRENNER, Neil. **Espaços da urbanização: o urbano a partir da teoria crítica** / Neil Brenner. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Letra Capital: Observatório das Metrôpoles, 2018.

COSTA, Oliver. **A União Europeia e sua política exterior: história, instituições e processo de tomada de decisão**. Brasília: FUNAG, 2017.

CULPI, Ludmila Andrzejewski. **Estudos migratórios**. Curitiba: InterSaberes, 2019.

HAESBAERT, Rogério; LIMONAD, Ester. **O território em tempos de globalização**. Geo UERJ Revista do Departamento de Geografia, UERJ, RJ, n. 5, p. 7-19, 1º semestre de 1999.

_____. **Da desterritorialização à multiterritorialidade**. Boletim Gaúcho de Geografia, vol. 29, nº1, p. 11-24: Porto Alegre, 2003.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Império**; tradução de Berilo Vargas. – 2ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2001.

HARVEY, David. **17 contradições e o fim do capitalismo**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2016.

LUO, Chih-Mei. **The EU's Crisis Decade: Reflecting on EU Capitalism and Governance**. New Taipei City: Palgrave Macmillan, 2020.

MARTILL, B. and STAIGER, U. (eds). 2018. **Brexit and Beyond: Rethinking the Futures of Europe**. London: UCL Press.

MARTINE, George. **A Globalização Inacabada: migrações internacionais e pobreza no século 21**. São Paulo em perspectiva, v. 19, n. 3, p. 3-22, jul./set. 2005.

MEZZADRA, Sandro. **Multiplicação das fronteiras e práticas de mobilidade**. REMHU - Rev. Interdiscip. Mobil. Hum., Brasília, Ano XXIII, n. 44, p. 11-30, jan./jun. 2015.

NEGRI, Antonio; COCCO, Giuseppe Mario. **GlobAL: biopoder e lutas e uma América Latina globalizada**. / tradução Eliana Aguiar. – Rio de Janeiro: Record, 2005.

OLIVEIRA, Ana Lúcia Mendes de. **Acervo Schengen e segurança europeia: a crise de migrantes como ameaça à liberdade de circulação na união europeia**. Dissertação de Mestrado em Ciências Policiais, na Especialização de Segurança Interna. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna, 2017.

PETRÓLEO HOJE. **O Rimland e o “perigo verde”**. Disponível em: <<https://petroleohoje.editorabrasilenergia.com.br/o-rimland-e-o-perigo-verde/>>. Acesso em: 06 jan. 2022.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. / Milton Santos. - 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

_____. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. / Milton Santos. – 15ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2008.

SPYKMAN, Nicholas John. **The Geography of the Peace**. New York: Harcourt, Brace and Company, 1944.

THE GUARDIAN. **The Guardian view on Tories and migration: stop the posing.** Disponível em: <https://www.theguardian.com/commentisfree/2020/nov/01/the-guardian-view-on-tories-and-migration-stop-theposing?CMP=Share_iOSApp_Other>. Acesso em: 20 dez. 2020.

UEBEL, Roberto Rodolfo Georg. **Política externa migratória brasileira: das migrações de perspectiva à hiperdinamização das migrações durante os governos Lula da Silva e Dilma Rousseff.** 2018. 629 f. Tese (Doutorado em Estudos Estratégicos Internacionais) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

UNITED NATIONS. **International Migration 2013: Graphs and Maps.** Disponível em: <https://esa.un.org/unmigration/documents/Graphs_and_Maps.pdf>. Acesso em: 23 set. 2019.

UOL. **Avanço da direita na Europa.** Disponível em: <<https://www.uol/noticias/especiais/extrema-direita-na-europa.htm#partidos-de-extrema-direita-avancam-na-europa>>. Acesso em: 23 set. 2019.